

A REESCRITA DO TRAUMA EM ISABEL ALLENDE

LA REESCRITA DEL TRAUMA EN ISABEL ALLENDE

Valéria Sales Menezes¹
Leoné Astride Barzotto²

RESUMO: Na obra *A ilha sob o mar* (2010), a escritora Isabel Allende (1942) tem a preocupação de nos revelar uma nova versão da história da mulher/negra/colonizada caribenha que por séculos foi esquecida pelo Ocidente. Aqui, a história da colonização e da independência das terras que correspondem ao atual Haiti nos é contada por uma escrava: Zarité. Como personagem principal, Zarité toma a palavra para si e torna-se sujeito da narrativa, na qual representa uma coletividade marcada pela escravidão como propulsora de abusos e opressões advindas da colonização. Destarte, a partir da memória da escravidão, o presente trabalho tem por interesse recuperar o colonialismo e a escravidão como um dos maiores eventos traumáticos, ou catastróficos da humanidade, que, a partir de um *anctor*, pode testemunhar por tantas mulheres negras que sofreram os mais diversos abusos durante esse período de reificação humana.

PALAVRAS-CHAVE: *Ilha sob o mar*; Zarité; Ex-cêntrico; Escravidão; Trauma.

Introdução

O presente trabalho discute a obra *A ilha sob o mar* (2010) da chilena Isabel Allende (1942). No entanto, antes de analisarmos a obra em questão, faz-se necessário conhecermos quem a escreveu. A escritora nasceu em Lima, no Peru, mas em tenra idade, após a separação de seus pais, mudou-se para o Chile, terra de toda a sua família, com sua mãe e irmãos. Após a separação de seus pais, sua mãe, Dona Panchita, casou-se com outro diplomata, Ramón Huidobro; em decorrência disso, Allende passou sua infância na Bolívia e no Líbano, tendo sido educada em inglês.

Já aos 16 anos, Isabel voltou para o Chile, onde terminou seus estudos secundários e conheceu Miguel Frias, com que casou-se em 1962. Desta união, nasceram seus dois filhos: Paula e Nicolás. Antes de publicar seus livros, trabalhou em periódicos e em emissoras de TV. Também foi colaboradora da FAO (*Food and Agriculture Organization*), em Santiago, Chile. No entanto, durante o Golpe Militar³ no Chile e a morte de Salvador Allende, Isabel se viu obrigada a sair do país e exiliar-se com sua família na Venezuela, onde permaneceu durante treze anos. Allende acabou por se divorciar de Frias e mudou-se para a Califórnia, Estados Unidos, onde se casou, em 1988 com

¹ Aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Culturais da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bolsista CAPES. E-mail: valeria.menezes@hotmail.com.

² Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Culturais da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: leoneastridebarzotto@gmail.com.

³ O golpe militar no Chile foi um acontecimento extremamente importante para a história não só do Chile, mas também de toda América Latina. Ocorreu em 11 de setembro de 1973 e foi liderado pelo general de extrema-direita Augusto Pinochet, teve aprovação da burguesia e foi apoiado financeiramente pelos Estados Unidos. Esse período ditatorial destituiu do poder, de forma extremamente violenta, o presidente socialista Salvador Allende.

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 69-79, jul./dez. 2018. Recebido em: 09 mar. 2018. Aceito em: 21 jun. 2018.

o estadunidense Willie Gordon com quem viveu até 2015. Um fato extremamente triste marcou a vida da escritora: a morte de sua filha Paula, que sofreu um ataque de porfiria, entrou em coma e morreu em 6 de dezembro de 1992.

O primeiro livro da escritora peruana, de coração chileno, foi *La casa de los espíritus* (1982) e lhe deu visibilidade internacional; a obra fez tanto sucesso que em 1993 foi adaptada para o cinema pelo diretor Bille August. Ao longo dos anos, a escritora publicou diversos romances e contos que foram traduzidos para 35 idiomas. Diante dessa pequena mirada sobre a biografia de Isabel Allende, podemos perceber como sua vida organizou-se durante todo esse tempo, marcada pelo hibridismo, assim como a obra de que trata essa investigação.

Em *A ilha sob o mar* (2010) conhecemos a história de Zarité, uma escrava que foi comprada pelo colonizador francês Valmorain em fins do século XVIII, em São Domingos⁴, onde hoje é o Haiti. Zarité, do alto de seus quarenta anos, reconta sua história; agora livre, retoma o seu passado de dor e busca incessante pela liberdade. A história, além de narrar os abusos e submissões sofridos por Zarité, também narra a luta pela liberdade de milhares de escravos e a luta pela independência da colônia.

Nas teias do romance

O romance de Isabel Allende possui duas grandes partes. A primeira se passa na ilha de São Domingos, com alguns trechos em Cuba e arredores do Caribe. Zarité abre a narrativa numa espécie de *foreshadowing*, isto é, pré-anuncia que terá muito a contar sobre sua vida, sua dança, seu vodu e também sobre a sua libertação como escrava.

Logo em seguida, conhecemos Valmorain, um francês que chega à ilha para ajudar seu pai que estava doente, mas o destino lhe prega uma peça: seu pai morre e deixa a plantação de Saint-Lazare aos seus cuidados. O jovem de 20 anos, acostumado com o conforto e seus livros na França, é obrigado a gerenciar uma plantação de cana-de-açúcar e centenas de escravos. No entanto, o boêmio, intelectual e homem de Letras deixa de lado aos poucos os seus ideais filosóficos e abolicionistas e logo torna-se quem nunca imaginou ser: um colonizador e explorador de escravos.

Durante oito anos Valmorain envolve-se com diversas mulheres, mas em outubro de 1778 viaja até Cuba, onde tinha negócios, e em um baile conhece Eugenia García del Solar, uma espanhola por quem apaixonou-se e pede em casamento. Por conta disso, é necessário encontrar uma criada para cuidar de Eugenia, é nesse momento que os caminhos de Zarité e de Valmorain

⁴ São Domingos, em francês Saint-Domingue, foi uma colônia da França no Caribe; localizava-se onde hoje se encontra o Haiti.
Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 69-79, jul./dez. 2018. Recebido em: 09 mar. 2018. Aceito em: 21 jun. 2018.

cruzam-se, Zarithé “era toda um desenho de linhas verticais e ângulos, com uma cabeleira emaranhada e impenetrável, mas se movia com graça, tinha um rosto nobre e bonitos olhos da cor de mel” (ALLENDE, 2010, p. 43). Tal encontro mudará a vida de Zarithé para sempre.

Zarithé, aos poucos, além de escrava doméstica de Eugenia, torna-se escrava sexual de Valmorain. Por volta dos dez anos, a menina passa a sofrer os mais diversos abusos sexuais e psicológicos. Em meio à reificação, Zarithé dá a luz a seu primeiro filho com Valmorain; no entanto, ele lhe é tirado de seus braços. Pouco tempo depois, Eugenia, que sofria dos mais diversos distúrbios psicológicos, morre aos trinta e um anos; com isso, Zarithé passa a criar Maurice, o filho de Eugenia e de Valmorain. Logo em seguida, Zarithé dá a luz novamente: Rosette, também fruto dos abusos de Valmorain; no entanto, a menina é mantida ao seu lado.

Simultaneamente, Zarithé conhece Gambo, um escravo vindo da Guiné, e logo surge entre ambos um amor desenfreado, algo nunca experimentado por ela, já que tudo o que havia conhecido em vida era a dor dos abusos de Valmorain. Entretanto, os dois separam-se quando Gambo foge para as montanhas após a explosão da revolução dos escravos - processo esse que ficou conhecido como *marronnage*:

A palavra *marron* vem do espanhol *simarron*, que designa um macaco que se esconde no mato e só sai furtivamente para comer. Nas Antilhas, o *marron* geralmente se refugiava no alto das colinas [...] A partir de *marron* foi criada a palavra *marronnage*, que corresponde à resistência, sendo usada, inclusive, no sentido cultural (FIGUEIREDO, 1998, p. 16).

Os negros haitianos promoveram a história mais gloriosa de rebelião contra o colonialismo na América, liderada por Boukman, Toussaint Louverture, Dessalines, Jean-François, Jeannot, Boisseau, Célestin e vários outros nomes; no entanto, Allende recupera com mais força os nomes de Boukman, Toussaint Louverture e do próprio Macandal, um negro, provavelmente vindo da Guiné, que desde sua chegada em São Domingos pretendia fugir; por fim, acabou escapando dos domínios de seus senhores e deu início a uma revolução na ilha juntamente com outros negros com a *marronnage*. O efeito da revolução de Macandal foi visível: ocorreram inúmeros incêndios nos canaviais, o gado, cavalos e famílias começaram a morrer; porém, os sintomas das doenças não combinavam com nenhuma doença comum no Caribe, logo associou-se as mortes à Macandal, já que seu conhecimento sobre a medicina e a botânica local era de conhecimento geral.

Após a morte de seis mil pessoas, Macandal é capturado e levado a Le Cap para ser executado em praça pública. “Não era um escravo que seria executado, mas o único homem verdadeiramente livre no meio daquela multidão. Fora o que todos intuíram, e um silêncio profundo caíra sobre a praça” (ALLENDE, 2010, p. 61). Macandal era livre, pois defendia seu

povo. Sua morte foi um mistério; para os brancos, o corpo de Macandal foi queimado; para os negros, Macandal saltou-se das correntes, saltou pelos troncos ardentes da fogueira, tornou-se um mosquito e saiu voando para que todos o vissem. Nesse ponto a dualidade é marcada, para os brancos é apenas o prosseguimento da escravidão, porém para os negros é a metáfora da liberdade.

Com a lenda de Macandal recuperada e ficcionalizada por Allende, percebemos, ainda, a marca do real maravilhoso impregnado não apenas na obra, mas em todo cotidiano caribenho. Alejo Carpentier, no prólogo de seu romance *O reino deste mundo* (2010), evidencia que o real maravilhoso tem sua fonte inspiradora no vodu haitiano, pois o vodu é fonte de mistérios e elementos mágicos que interligam as relações cotidianas da população haitiana. Assim, segundo FIGUEIREDO (2010, p. 66), podemos entender o maravilhoso como tudo aquilo que afasta-se da ordem natural das coisas; como no caso da religião haitiana, o vodu.

A segunda parte do romance ocorre nos Estados Unidos, mais precisamente na Louisiana, a partir de 1793, que abrigou grande parte dos fugitivos da ilha de São Domingos após a revolução, inclusive Zarité, Valmorain, Maurice e Rosette. Logo Valmorain inicia uma nova plantação e enriquece em pouco tempo; ao mesmo tempo, casa-se pela segunda vez, agora com Hortense Guizot. O que mais nos chama a atenção na segunda parte do romance, é a relação de Zarité com o padre da Louisiana.

Na Louisiana, os escravos eram obrigados a frequentar a missa aos domingos e com Zarité não foi diferente, lá acabou conhecendo Père Antoine, graças a ele consegue ter sua emancipação legalizada, bem como a de Rosette. O padre funciona como uma figura principal quando pensamos na Liberdade adquirida pela personagem, pois foi graças a ele que o documento da alforria foi assinado e foi validado⁵. Após a liberdade, nomeia-se como Zarité Sedella.

Por fim, acaba reencontrando Zacharie, um mordomo que conheceu em São Domingos e que agora está livre e vivendo também na Louisiana. Assim, Zarité, ao final do romance, está casada com Zacharie e esperando um filho seu. Numa relação nunca experimentada por ela, pode assumir sua identidade e sentir que pertence a algo e alguém de modo positivo, com ele pode andar descalça, praticar o vodu e dançar do seu jeito, sem julgamentos ou abusos.

Zarité: de sujeito ex-cêntrico à protagonista

⁵ A escravidão nos Estados Unidos foi abolida apenas em 1863, o que significa dizer que mesmo possuindo documentação comprobatória de que se era livre o contexto sócio histórico era temeroso para os negros. Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 69-79, jul./dez. 2018. Recebido em: 09 mar. 2018. Aceito em: 21 jun. 2018.

Da relação entre história e literatura, surge na América Latina, no século XIX, o chamado romance histórico, na qual os romancistas ficcionalizavam acontecimentos históricos:

Alimentando a constante recriação do gênero romance dá-se, no século XIX, o surgimento da forma narrativa do romance histórico, que privilegia a tematização dos eventos históricos, sem que o romance perca seu caráter de obra de ficção (CLÍMACO, 2014, p. 46).

Dessa maneira, os autores latino-americanos têm a preocupação em recriar a nova história de seus países recém independentes; para tal, recorrem ao romance histórico, pois ficcionalizam essa nova história do continente que outrora fora contada sob o ponto de vista eurocêntrico, principalmente em decorrência da colonização.

Com isso, no século XX ocorre o crescimento dos romances históricos, ao ponto de Seymour Menton (1993, p. 42-44, *apud* CLÍMACO, 2014, p. 50) propor um novo conceito: novo romance histórico latino-americano, no qual ocorre a reprodução mimética de certo período da história, bem como a ficcionalização de personagens históricos nesses romances; ainda, há comentários do narrador sobre o processo de criação, também chamado de metaficção; intertextualidade e conceitos bakhtinianos, como a paródia, por exemplo.

No entanto, o conceito “criado” por Menton é discutível em vários níveis, pois aproxima-se do conceito de metaficção historiográfica proposto por Linda Hutcheon (1991). Enquanto Clímaco e Menton baseiam seus conceitos vislumbrando a América Latina durante o processo colonial, pós-independência e regimes ditatoriais ficcionalizando a sua história e personagens históricos; Linda pautou seu conceito com base na pós-modernidade, ou seja, tem a preocupação de revelar outras histórias não oficiais que a historiografia nos negou por anos, assim:

a metaficção historiográfica faz uso de informações históricas para construir possibilidades e reflexões sobre a “verdade”, ou melhor, trata ficcionalisticamente a história da humanidade, fazendo-nos pensar que tudo passa por versões possíveis e não por verdades absolutas. De modo sintético, podemos afirmar que a metaficção historiográfica traz a marca da desconfiança em relação às grandes narrativas da humanidade (SANTOS, 2017, p. 52).

Com base na assertiva acima, relacionamos metaficção historiográfica à obra *A ilha sob o mar* (2010), pois a escritora Isabel Allende (1942) tem a preocupação de nos revelar uma nova versão da história da mulher/negra/colonizada caribenha que, por séculos, foi esquecida pelo Ocidente. Essa outra versão justamente só é possível porque aceitamos a obra em análise dentro dos pressupostos da metaficção historiográfica, a qual permite à literatura apresentar versões para a história oficial que narra acontecimentos da humanidade como se fosse a única verdade possível - dentro da diegese.

Desse modo, percebemos a personagem principal desse romance como um personagem ex-cêntrico, de acordo com HUTCHEON (1991, p. 151), esses personagens são os marginalizados, aqueles que sempre estiveram nas margens da história ficcional; esses sim são os protagonistas da metaficção. Essa característica difere dos protagonistas do romance histórico tradicional, na qual Lukács (1962, p. 39, *apud*, HUTCHEON, 1991, p. 151) os descreve como “tipos”, em suma:

no romance histórico, enquanto as personagens são tipos, representando uma classe social bem delimitada, na metaficção historiográfica, as personagens são mais generalizadas, isto é, possuem uma orientação mais individual. Enquanto no primeiro o detalhe não é utilizado como recurso importante de verossimilhança, na segunda, ele ocupa papel de destaque, pois fará com que o texto pareça verdade por ser ponto comprovável. No romance histórico, a personagem histórica de maior relevância é extremamente importante, ocupa o papel de protagonista; na metaficção historiográfica, a personagem histórica pode não passar de uma personagem secundária, com pouca importância para o desenvolvimento da narrativa. O romance histórico tende a legitimar a norma vigente; a metaficção historiográfica, ao contrário, contesta veementemente a norma, a história, já que busca a criação de uma história alternativa e com alta criticidade (SANTOS, 2017, p. 57).

Assim, fica evidente a estruturação da obra *A ilha sob o mar* (2010) a partir da metaficção historiográfica. Os personagens históricos aqui ficcionalizados ganham um papel secundário, como Macandal, um dos líderes da revolução negra haitiana; já Zarité, ganha o papel de protagonista, é a negra que sofreu todos os abusos da colonização na pele, foi fadada aos abusos sexuais, ao serviço do homem e a ser um mero objeto sexual. Ao ler a história a contrapelo a partir de Zarité, percebemos a importância da recriação histórica por meio da ficcionalização, só assim podemos questionar as verdades já consagradas pela história oficial, Zarité representa a história e a memória de milhões de mulheres escravas que sofreram todos esses abusos nas antigas colônias, e que, de certa maneira, ainda sofrem com governos neoliberais, por exemplo.

Apesar de considerarmos o texto de Allende como metaficção historiográfica a partir dos pressupostos de Linda Hutcheon (1991), existem questionamentos pertinentes quanto à autoconsciência do narrador no fazer literário. Em *A ilha sob o mar* (2010), não há a voz consciente da autora, não há uma reflexão sobre o processo de criação, pelo menos não explicitamente, mas não há como elencar esse romance como histórico tradicional devido à sua complexidade discursiva; como vimos, a protagonista não é um personagem “tipo” e sim “ex-cêntrico”. No entanto, quanto ao novo romance histórico, deparamo-nos com uma certa complexidade, pois, assim como a metaficção historiográfica, esse novo romance histórico também dá conta da historiografia. Dessa forma, optamos pelo encaixe desse romance como uma metaficção historiográfica, partindo do ponto central do personagem ex-cêntrico como uma marca distintiva.

Não descartamos uma análise à luz do novo romance histórico, pois existem questões extremamente pertinentes e caberia, queremos crer, uma análise da mesma maneira.

Ao elencarmos Zarité como um personagem ex-cêntrico, a partir dos pressupostos de Hutcheon (1991), devemos recuperar outros conceitos que se fazem importantes para a leitura pós-colonial do romance em questão:

Uno de los intereses centrales que surgieron con el auge de los estudios poscoloniales a partir de la década del setenta fue la recuperación de los pasados silenciados, concebidos como fuente insoslayable para constitución de la compleja identidad del sujeto colonizado. Recuperar la historia desde la diferencia, desde sus márgenes, supone no sólo un trabajo “arqueológico” en la búsqueda de las huellas de un pasado borrado: implica también cuestionar y repensar lo que entendemos como historia (MARRA, 2016, p. 85).

A assertiva de Eugenia Marra (2016), nos leva a refletir sobre o processo da historiografia. Como já mencionado anteriormente, Allende tem a preocupação de nos revelar outra versão da história oficial da colonização do Haiti, e isto constitui-se como um conceito chave para a leitura pós-colonial, pois funciona como uma resposta à história canonizada pelo Ocidente, também chamada de reescrita, ou como “Glissant prefere chamar de não-história” (GLISSANT, 1981, p. 131, *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 167); “ele vê uma transversalidade em nossa história em oposição à visão linear e hierarquizada da história que o Ocidente impôs aos povos colonizados [...]” (FIGUEIREDO, 2010, p. 167).

O trauma como narrativa

Ao recuperarmos a história de Zarité, devemos repassar por alguns conceitos da memória cunhados por Paul Ricoeur, em seu livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007), em que o autor reflete sobre os mais diversos exercícios da memória. Aqui, tomamos como empréstimo apenas dois conceitos chaves de sua leitura, tais quais: memória individual e coletiva.

O livro de Allende é narrado em terceira pessoa, mas há dezesseis capítulos narrados por Zarité; nesses, ela faz uso de dois mecanismos para o exercício da memória, frases como “assim me contaram” e “assim me lembro” funcionam como chaves para a compreensão do romance em questão.

Os trechos iniciados com a frase “*assim me contaram*” narram a memória coletiva do povo haitiano perpassada pela história oral, bem como os personagens históricos e seus feitos para a revolução e deliberação da primeira grande revolução antiescravagista do planeta feita pelos próprios negros, quiçá a única:

Assim me contaram. Assim aconteceu em Bois Cayman. Assim está escrito na lenda do lugar que agora chamam Haiti, a primeira república independente dos negros. Não sei o que isso significa, mas deve ser importante, porque os negros falam aplaudindo e os brancos falam com raiva (ALLENDE, 2010, p. 166; grifo meu).

Nesse excerto, percebemos o uso da memória coletiva, pois a personagem retoma a história de seu povo a partir do que a contaram por meio da tradição oral, pois, como afirma Ricoeur (2007, p. 129), “se considera a memória coletiva como uma coletânea de rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos”.

Quanto aos trechos iniciados com a frase “*assim me lembro*”, ocorre a narração da memória individual da personagem, Zarité relembra os abusos por ela sofridos:

Seu olhar me percorreu de cima a baixo. Levou uma das mãos ao membro e o segurou, como se o pesasse. Recuei com o rosto queimando. Da vela caiu uma gota de cera sobre sua mão, e ele soltou uma praga. Então me mandou dormir com um olho aberto para velar pela patroa e se estendeu em sua rede, enquanto eu deslizava como um lagarto para o meu canto. Esperei que o patrão dormisse, e comi com cuidado, sem fazer o menor barulho. Do lado de fora começou a chover. *Assim me lembro* (ALLENDE, 2010, p. 68; grifo meu).

Nesse outro ponto do romance, nos deparamos com a memória individual da protagonista, na qual é retomada como uma passagem do trauma de um dos abusos de Valmorain – o senhor de escravos da plantação. Ela sente-se acuada com o olhar de objetificação sob seu corpo, um corpo de criança, cheio de medos e inseguridades. Essa lembrança pertence apenas à personagem e é indissociável de si, “não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, é um modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito” (RICOEUR, 2007, p. 107). Experiências essas sejam positivas ou negativas, como no caso de Zarité.

Nesse ponto, retomamos a escravidão como um dos maiores traumas da humanidade. Aqui, memória individual e coletiva diluem-se, pois mesmo que o ato de lembrar seja individual, a narrativa é coletiva, há intercorrências de ambas e em ambas: “agora a testemunha é via de regra a vítima e seu engajamento em sua causa é total. [...] Ler a história a contrapelo implica revelar esse elemento catastrófico da história” (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 42).

Seligmann-Silva, em seu livro *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes* (2003), apresenta o holocausto e o nazismo como uns dos maiores traumas já vivenciados por toda uma memória coletiva e individual, cito este exemplo e o relaciono à memória da escravidão e da colonização em pé de igualdade, o que já foi feito pelo martinicano Aimé Césaire:

[...] Césaire produziu um dos seus mais iluminados textos políticos: o *Discurso sobre o colonialismo*. Nele, o racismo, o colonialismo e o nazismo são equiparados; postos em pé de igualdade. São explicados como as distintas caras de uma mesma realidade ocidental opressora de enaltecimento da **raça** e, portanto, negadora do Ser Humano - o *racismo* (MOORE, 2010, *apud* CÉSAIRE, 2010, p. 24; grifo do autor)!

Desse modo, como negar esse trauma da escravidão? De acordo com Seligmann-Silva (2003, p. 77), a memória seleciona momentos do passado e cabe ao historiador – e também ao romancista – não negar as catástrofes históricas, seja a colonização ou o holocausto, a fim de desmascarar as “verdades eternas” por meio desses testemunhos suscitados pela memória.

No capítulo “Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo”, pertencente ao livro *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória* (2014), Andreas Huyssen, ao retomar a trajetória do oficial francês Maurice Papon –colaborador da ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial, responsável pelo massacre de argelinos, que travestiu-se de político e só depois foi condenado – válida, sem muitos pormenores, a tese de Césaire: “o Holocausto e o colonialismo foram farinha do mesmo saco” (HUYSSSEN, 2014, p. 179).

No romance de Isabel Allende é essa a tarefa: “escavar a memória em busca dos vestígios” (FIGUEIREDO, 2011, p. 191). Vestígios – ou rastros – esses recontados pela protagonista Zarité, que a partir da rememoração de sua dor ajuda a curar o trauma que ainda hoje afeta milhões de pessoas nas ex-colônias de todo o mundo: “o verdadeiro lembrar, a rememoração, salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida” (GAGNEBIN, 2012, p. 35).

Allende reconstrói um acontecimento catastrófico de maneira ficcional, e, por conseguinte, o impacto é tão igual quanto se fosse narrado por um *testis* (aquele que depõe como um terceiro, ou seja, seria a testemunha ocular de um evento traumático) ou *superstes* (sobrevivente, isto é, aquele que passou pela experiência extrema da dor); pois quem passou por traumas como esses não seria capaz de narrar com tamanha lucidez os acontecimentos.

No entanto, a obra de Allende não deve ser considerada uma literatura de testemunho, mas sim uma narrativa do trauma, pois essas memórias traumáticas ou catastróficas, como prefere Seligmann-Silva, pertencem a uma memória coletiva, que é recontada por uma lembrança individual construída coletivamente:

[...] na escrita contemporânea sobre a escravidão, trata-se de testemunho de um *auctor* (Agamben, 2008, p. 150), alguém que transmite a memória coletiva ao mesmo tempo que trabalha nos arquivos da escravidão para dar testemunho do que existiu no passado. [...] Os escritores que hoje se debruçam sobre a memória

da escravidão pretendem justamente escrever a história a contrapelo e revelar a barbárie que estava incrustada no projeto colonial europeu, cujo discurso civilizatório encobria a exploração dos africanos aqui trazidos para trabalharem como escravos e a eliminação dos indígenas, considerados inaptos para o trabalho nos campo (FIGUEIREDO, 2010, p. 166).

Tendo em vista essas questões, pensar o trauma e ficcionalizá-lo, assim como no caso do testemunho, regenera personagens e aflições históricas de toda uma coletividade marcada por catástrofes, seja do Holocausto ou do colonialismo, dado que o ato de lembrar o passado, ou melhor, o trauma, ajuda a curar a memória de todos os que sofreram os mais diversos genocídios. Fato amplamente comprovado pela história de Zarité, pois quando completa quarenta anos, sente-se pronta para lembrar seu passado e assim curar toda a sua dor.

Considerações finais

Diante de todo o exposto, e com base na história de Zarité, a protagonista de nossa pesquisa, percebemos a escravidão e o colonialismo como propulsores de abusos e opressões comparáveis ao Holocausto e ao nazismo por tamanho genocídio causado e por sua marca catastrófica deixada em todas as partes do globo por onde passou.

Por meio de Zarité, compreendemos o desejo de liberdade de todo latino-americano e caribenho diante das amarras impostas pelos colonizadores do final século XVIII e início do século XIX, visto que, nos rebelamos conscientemente contra tudo aquilo que nos afetou historicamente e que interfere diretamente em nossos aspectos sociais e culturais; logo, podemos relacionar esse desejo de liberdade com o conceito cunhado por Walter Mignolo (2003), o pensamento liminar, na qual evidencia-se todos os saberes e histórias que foram subalternizadas ao longo do tempo e do processo colonizador, criando assim protagonismos; o que nos leva diretamente à história de Zarité, que, a partir do trauma da escravidão, reconta sua história como uma forma de libertação não só individual, mas principalmente coletiva.

RESUMEN: En la obra *La isla bajo el mar* (2010), la escritora Isabel Allende (1942) tiene la preocupación de revelarnos una nueva versión de la historia de la mujer/negra/colonizada caribeña que por siglos fue olvidada por el Occidente. Aquí, la historia de la colonización y de la independencia de las tierras que corresponden al actual Haití nos es contada por una esclava: Zarité. Como personaje principal, Zarité toma la palabra para sí y se hace sujeto de la narrativa, en la cual representa una colectividad marcada por la esclavitud como propulsora de abusos y opresiones originadas de la colonización. De esta manera, a partir de la memoria de la esclavitud, el presente trabajo tiene por interés recuperar el colonialismo y la esclavitud como uno de los mayores eventos traumáticos, o catastróficos de la humanidad, que, a partir de un *auctor*, puede testificar por tantas mujeres negras que sufrieron los más diversos abusos durante ese periodo de reificación humana.

PALABRAS CLAVE: *La isla bajo el mar*; Zarité; Ex-céntrico; Esclavitud; Trauma.

Referências

ALLENDE, Isabel. **A ilha sob o mar**. Tradução de Ernani Só. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CLÍMACO, Adriana Ortega. **História e ficção em Santa Evita**. Jundiaí: Paco editorial, 2014.

FIGUEIREDO, E. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EDUFF, 1998.

FIGUEIREDO, Eurídice. O Grande Caribe: mestiçagem e barroco, memória e história. In: REIS, Livia; FIGUEIREDO, Eurídice (Orgs.). **América Latina: integração e interlocução**. Rio de Janeiro: 7Letras; Santiago, Chile: Usach, 2011. P. 179-196.

_____. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime. **Walter Benjamin – rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 27-38.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e Ficção**. Trad. Ricardo Cmz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

HUYSEN, Andreas. Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo. In: HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. 2014, p. 177-194.

MARRA, Eugenia. Revisión histórica y resistencia de la mujer negra en la nueva slave narrative: Free Enterprise de Michelle Cliff. In: BONFIGLIO, Florencia; AIELLO, Francisco (Org.). **Las islas afortunadas: escrituras del Caribe anglófono y francófono**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Katatay, 2016, p. 85-99.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alein François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Maria Luana dos. **Malinche: o ‘novo mundo’ é feito de representações**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: **História, memória, literatura: o testemunho na era de Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Ficção e imagem, verdade e história: sobre a poética dos rastros. In: **Dimensões**, vol. 30, 2013, p. 17-51.